O Cólera-morbus no Ceará

Cólera epidêmico

Álvaro de Alencar

Sôbre esta terrível moléstia conhecida desde tempo imemorial, que teve o seu berço na Índia e que fêz no Ceará estragos em populações inteiras de diversas localidades, fui, pelo Instituto do Ceará, encarregado de fazer o histórico, destinado a ser intercalado no livro que tem resolvido publicar sôbre o Estado.

Em Abril de 1862 entrou o cólera na província do Ceará.

Foram localidades atacadas—o Icó, Lavras, Maranguape, Crato, Várzea-Alegre, Tauá, São-Bernardo-de-Ruças, União, Poço-da-Onça, Passagem-de-Pedras, Aracatí, Iguatú, Sucatinga, Pacatuba, São-João-do-Príncipe, Acarape (hoje Redenção), Arneiroz, Marrecas, Fortaleza, Milagres, Jardim, Jubaia, Tabatinga, Sapupara, Jereraú, Limão, Urucará e Boa-Vista.

Alguns informantes do interior da Província, aos jornais da Capital, disseram que em fins de Fevereiro de 1862, a 15 leguas do Município do Icó, havia aparecido o cólera-morbus.

Em o aludido mês de Fevereiro, os doutores em medicina Manuel Mendes da Cruz Guimarães e Antônio Mendes da Cruz Guimarães vieram à imprensa, tratar do cólera-morbus, lembrando ao Govêrno os meios mais enérgicos—indicados por médicos notáveis—para o combate ao terrível mal. Outros médicos—os doutores José Lourenço de Castro e Silva, Pontes, Carvalho, Alves Ribeiro e Domingues—também, pela imprensa de Fortaleza, ocuparam-se do aparecimento do mal.

Tal moléstia, de marcha aguda, rápida, dolorosíssima e grave, teve aparecimento repentino em quase todo o Ceará.

Começou a epidemia pelo Icó, passando a Lavras e, sucessivamente, ao Iguatú (então de nome Telha), ao Tauá, ao Aracatí, à Sucatinga e ao Cascavel.

Em Aracatí foram 65 os mortos pelo terrível mal, que se estendeu aos distritos vizinhos.

Em União—localidade então denominada Caatinga-do-Góis—, o cólera, muito intenso, fez muitas vítimas.

No Icó, foi atacada do mal a terça parte da população. *Affecti plerique principium.* A maior parte dos principais estavam doentes.

Foi preciso transformar-se o Teatro Municipal—belo edifício construído pelo Dr. Pedro Theberge— em um grande hospital, devido ao grande número de doentes da classe pobre.

Em São-Bernardo-de-Ruças, poucos foram os casos verificados pelo Dr. Mendes.

Em Lavras e Várzea-Alegre, o número de mortos foi considerável

Em Arneiroz e Marrecas, faleceram 45 pessoas.

Ainda a marcha do mal. No Tauá, em Maio de 1862, teve lugar o seu aparecimento, fazendo muitas vítimas. Manifestou-se também em Poço-da-Onça, Campo-Grande, Passagem-de-Pedras e, por fim, no Aracatí.

Em União, devido o trabalho paroquial, foi vítima o distinto e abnegado sacerdote católico padre Leôncio Cândido do Carmo Chaves, em 3 de Maio de 1862.

Em Junho de 1862, em Pacatuba, o número de vítimas foi de 180 pessoas. No Acarape (atual Redenção), o cólera foi pertinaz; entre os 50 mortos, verificámos estar incluído o virtuosíssimo e infatigável pároco, padre Ângelo Alves de Castro, que se encontrava em excessivo trabalho de confissões.

***

Não resta dúvida de que o mais terrível cólera que grassou no Ceará, foi o do Icó, cidade, então, populosa e de grande comércio.

Foi nessa bela cidade, denominada justamente a Princesa dos Sertões, que foi terrível a epidemia, apresentando casos fulminantes, acometendo a cento e tantas pessoas.

Da importante casa comercial Gurgel & Irmãos, filial da do Recife, faleceu do cólera fulminante o seu chefe, Antônio Gurgel do Amaral, cidadão que era estimadíssimo em todo o sul do Estado, e também morreram todos os caixeiros, sendo a casa fechada por ordem do Dr. Juiz do Comércio.

Eram então clínicos no Icó—os doutores Pedro Theberge e Rufino de Alencar, que prestaram bons serviços, procedendo com louvável zêlo em benefício da população sofredora, como afirmou o jornal "Pedro II", em o seu número 88, de 19 de Abril de 1862.

Diz mais êsse jornal—que aludidos médicos cooperaram em comum e de mãos dadas para a salvação de maior número de pessoas.

A ilustrada redação dêsse antigo órgão do partido conservador do Ceará, trouxe ainda a seguinte afirmação:

«Fazemos dêsses dois médicos o melhor conceito possível, ante a abnegação e coragem que têm revelado.»

É sabido que, no Icó, no primeiro ataque, o cólera acometeu em um só dia 105 pessoas, sucumbindo 5.

***

O Dr. Rufino de Alencar, que tinha seus pais residindo em Maranguape, veio para esta cidade, onde o terrível mal se havia manifestado com a mesma intensidade do do Icó.

Carta de Maranguapę, publicada no jornal "Pedro II", datada de 25 de Junho de 1862, diz:

«A chuva não nos quer deixar, ainda esta noite, choveu muito; mesmo debaixo dela o Dr. Rufino de Alencar percorria as ruas de Maranguape.»

«Foi a Providência quem nos trouxe êste homem na presente quadra fatal.»

«O Dr. Rufino de Alencar se multiplica, passa receitas, escreve papeletas e diretórios, com rapidez, dirige o hospital e receita em todos os pontos, e mesmo pelos subúrbios da vila.»

***

O cólera do Icó e o de Maranguape pareciam-se com o cólera-morbus asiático, de que nos trata a história da medicina,— formidável produtor de terror.

Não foi um cólera menos terrível do que o que se declarou no Rio-de-Janeiro em 1855, que fêz grandes estragos entre a raça preta.

Deram-se casos fulminantes. Causou admiração as mulheres terem sido acometidas em número maior. Até Maio de 1862, foram sepultados no Icó 421 coléricos.

O Dr. Pedro Theberge, notável médico francês, publicou no jornal—"O Cearense"—, órgão do partido liberal do Ceará, em o n. de 27 de Maio de 1862, um artigo em que, sôbre o cólera do Icó, diz o seguinte:

«O Dr. Rufino de Alencar, acometido do cólera nos primeiros dias da semana da Páscoa, viu-se também obrigado, na noite do segundo dia de sua doença, a ir acudir o seu sogro, cuja morte, acompanhada de circunstâncias terrí-

veis, o abalou tão fortemente, que todos receavam uma recaída funesta. Felizmente, dois dias depois, achava-se firme no seu pôsto, correndo de casa em casa, afrontando o rigor da estação.»

Aí fica o que me foi possível ver dos jornais que se ocuparam da grande epidemia semeadora do terror e da morte em quase todo o Ceará.

Façamos votos a Deus por que o terrível desertor do Ganges não mais nos visite.

Já são muitas as visitas que tem feito o cólera à Europa, à Ásia, às Américas, à África, tendo tido marcha enigmática e caprichosa, zombando de todos os cálculos, como dizem Littré e Laveran, em suas apreciações do mal.

Teve o Ceará a sua quadra de desgraças, mas venceu-as com o sofrimento, podendo utilizar-se da frase de Vergílio : — *Superanda omnis fortuna ferendo.*

O Autor não aceita a grafia simplificada, que está aquí por uniformidade. (N. da R.)